

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.

2956
52



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Ha certos entes privilegiados, que tem a fortuna de viver bem com todos os governos: a todos cortejam, por todos são cortejados: com todos tiram lucro. Ha outros que pelo contrario com nenhum se acham bem; todos lhe desagradam; de todos ralhão, nenhum presta. A razão que faz dirigir os primeiros é facil de conhecer: miseraveis egoistas, é só o seu bem que procuram, sem curarem de mais cousa alguma. Mas que razão pôde mover os outros? Como é que pôde haver alguém, a quem nada contente? Como? Orgulho, pouco orgulho: egoismo ainda mais miseravel que o daquelles a quem tudo agrada.

Orgulho, porque esses homens suppoem, que são superiores a todos os outros. Debalde vejam que muito se inclinam por um lado; cuidam elles que sua razão é mais esclarecida que a de todos esses; e porisso com sorriso da superioridade nos labios não cedem de sua opinião. Parece que o homem, que vê que todos os mais pensam de maneira differente daquella por que elle pensa, devia lembrar-se, que os mais tambem tem raciocinio, e por consequencia duvidar alguma vez daquillo que suppoem verdade, e seguir diverso rumo. E geralmente os mais ignorantes são aquelles que mais orgulho tem. Que-reis conhecê-los? Vede-os ali dando por páos e por pedras; fallando de tudo, por tudo, e sempre: são esses mesmos. Não ha questão que não estejam promptos a resolver de repente: todas as materias são para elles copos d'agua, que bebem com toda a facilidade.

Sabeis quando estão contentes? Quando sobem ao poleiro: então, sim, então cuidam elles, que vão endireitar o mundo, e ficam muito satisfeitos da sua vida. Porque deve confessar-se, que algumas vezes esses homens são de boa fé, quando se persuadem os unicos capazes de fazer alguma cousa. O orgulho os cega a tal ponto! Mas depois de es-

a todos a sua nullidade, por que antes de lá chegar illudem a muita gente.

E como não illudirão? Nem sempre as cousas vão bem; e quando vão mal, não deixam elles logo de apregoar que bem o disseram; e então cuida alguém que elles tem razão. São como o vigário de Wakefield, que prezia mais resultados, para que, se acontecessem, tivesse a gloria de os ter previsto; e se não acontecessem, para ter a gloria de dizer que por causa de suas advertencias não aconteceram. Uma nação tem sempre uma porção de descontentes, e um governo uma porção de inimigos: já se sabe que uns e outros applaudem o homem ralhador, e eil-o com sequito, apresentando como grande homem.

E se nós fóramos ministro agarráramos logo em um dos taes, e lhe dariamos alguma commissão espinhosa, porem bastante apparente, para que se visse a nullidade do tal individuo.

Não é só lá pelos paizes estrangeiros que ha Talleyrand e Chateaubriand, o primeiro dos quaes sempre se deu bem com todos, e o segundo com ninguem; tambem cá os temos... mas, sentido: não vá por ahí alguém cuidar que o quereámos pôr a par de qualquer dessas potencias; temos cá sujeitos, que sempre estão bem com todos, assim como temos tido outros que sempre estão mal, a menos, que não estejam no poder: é preciso que nos entendamos: que no mais, coitadinhos!

Dissemos que muitas vezes por egoismo alguns ralhão de tudo mais que por orgulho. Alguns não se contentam com lugares secundarios: seu egoismo é tal, que só se contentam com os primeiros; elogiar uma administração é meio seguro de não entrar para ella, porque de certo nunca um ministro largará uma pasta só para ter o gosto de a dar a um seu amigo politico: ora, quando cabe um ministerio, de ordinario é para entrarem aquelles que lhe fizeram opposição. Aquelle pois que quer obter um lugar no governo do estado tem de fazer opposição. E como agua molle em pedra dura tanto dá até que fura, vai-se fazendo opposição até que chegue o

dente, de patriota, de benemerito, de tudo, e vão as cousas ás mil maravilhas.

Ha individuos que são levados á opposição por outros motivos: é para ver se adquirem a palma do martyrio; ver se se purificam pelo baptismo de sangue: estes não fazem opposição a todos os governos; mas fazem-a á aquelles de quem não esperam beneficios. O seu raciocinio é este. Deste governo nada temos já a esperar: mas outro governo ha de vir; preparemos as cousas para esse tempo: se entretanto nos acontecer mal, seremos depois resarcidos. E dirigidos por esta logica, se são empregados não se importam com uma demissão, que depois lhes ha de trazer melhoramento; se não são empregados, lá esperam alguma cousa na primeira occasião.

Estes também não tem bussola por onde se dirijam: é fallar a torto e a direito: o grande caso é dizer mal; pouco importa se vem á pêlo ou não, se é justa se injustamente. E é uma maneira facil de conhecer quaes são os que fazem opposição conscienciosa, e quaes os que são levados por outros motivos. Um ministerio nunca poderá ser tão máo, que não defenda alguma cousa util. Aquelles que tudo lhe acham máo, não obram conscienciosamente. O homem consciencioso reprova o que é máo, mas aprova o que é bom. Que gente ha conscienciosa na opposição tanto agora com em todos os tempos. Mas em fim como talvez em algum tempo alguém apoie o governo sem consciencia, assim também haverá quem sem consciencia se opponha ao governo. Se por um lado ha vantagem, também as ha pelo outro.

E assim facilmente se explica como uns votam com todos os ministerios, outros com nenhum.

A LEI DE COLONISAÇÃO.

Acha-se em discussão na camara dos deputados um importantissimo projecto, que tem por fim animar a colonisação em nosso paiz, dando-lhe forma differente da que até agora tem tido. Os colonos importados até hoje no paiz ou se applicam ao commercio, ou á agricultura: aquelles continuarão como dantes, mas estes vão mudar de condição. Até hoje era licito a qualquer embrenhar-se por nossas matas, ir fazer uma derrubada, e um pequeno estabelecimento. Se os terrenos em que se estabeleciam, tinham proprietario, eram expulsos ou obrigados a pagar um arrendamento; mas como muitas de nossas grandes propriedades tem direitos muito contestaveis, fundando-se em meras posses, ou em sesmarias nunca medidas e demarcadas, havia receios de comparecer em juizo; e por isso os novos habitadores lá iam vivendo sua vida como podiam. Outras e muitas vezes acontecia que os terrenos assim tomados eram devolutos da nação; e então ainda melhor estava o novo possuidor.

Daqui resultavam e resultam ainda muitos dam-

tribuição: a população difunde-se por uma superficie immensa de terreno sem proporção alguma entre uma e outra: esses pequenos estabelecimentos a longes distancias huns dos outros não se podem dar as mãos, e por consequencia não podem prosperar; os individuos apenas semeiam e colhem aquillo de que immediatamente carecem, e porisso em pouco tempo vem a succumbir: e as grandes plantações não tem os braços precisos, que as sustentem, sobre tudo hoje que a importação de escravos he prohibida, e mesmo que vai sendo difficil á Africa abastecer de negros todos os paizes, onde elles são importados.

Para que a pequena lavoura possa prosperar, he necessario que ache braços que a auxiliem na occasião das colheitas e outros misteres semelhantes: he preciso por isso que o lavrador ou ache braços para alugar, ou ache quem lhe faça o serviço com esperanza de retribuição igual, isto he, que ache visinho, que o vá ajudar, na esperanza de que elle o ajudará. Figuremos um lavrador deitando á terra dez alqueires de semente de milho; pôde colher quinhentos; para os semear elle só o pôde fazer; mas podel-os-ha colher? Ora o pequeno lavrador nem sempre tem que fazer no seu campo: se não tiver quem o ajude, e se não tiver terras de visinhos em que se empregar, o resultado será necessariamente, que só fará a colheita, que puder, e o mais se perderá; e para a não perder só lançará á terra aquillo que puder colher. E o que fará do resto do tempo? Passal-o-ha no ocio; e o ocio é a mãe de todos os vicios. E uma vez no vicio acostumado a ir de vez em quando á caça, dentro de pouco tempo só de caça se occupará, e a miseria estará com elle.

A grande lavoura essa então parece sempre de braços; desde o principio até o fim do anno. Toda-via occasiões ha em que carece de mais, e necessita ter onde os ir buscar. E contra si tem isso o systema da escravatura: o senhor é obrigado a alimentar sempre a mesma porção de gente, quando não tem necessidade igual em todas as estações. Se tivesse trabalhadores, que pudesse alugar com facilidade, em uma parte do anno poderia dispensar sacrificios, cujos valores podia empregar com mais vantagem na outra parte.

O projecto que se acha em discussão vem mudar este systema: adoptado elle, a ninguem mais será licito estabelecer-se onde quizer: os colonos, que se quizerem empregar na agricultura, terão ou de comprar terras nacionaes, ou de se estabelecer nas já occupadas. No primeiro caso o governo designará d'antemão os lugares onde se farão as vendas, e terá cuidado de agglomerar esses colonos; no segundo he evidente que ficarão perto de visinhos.

Questão pôde ser se este meio trará mais colonos ao Brasil do que deixando as cousas como agora estão. A pratica tem-se encarregado de resolver a questão. E' verdade que a colonisação...

tema não é o que mais convida; e nesses outros paizes, nos Estados Unidos por exemplo, as terras vendem-se, e não se dão. Todavia também não queremos dizer que este argumento seja por isso tão forte, que não admitta replica: outras causas pôde haver, que para isso influam. Mesmo porem dado que assim não seja, melhor seria ter menos colonos e aproveitá-los melhor. Não seria melhor por exemplo termos cem colonos em um espaço de duas ou tres leguas quadradas, do que termos quinhentos em um espaço de cem leguas? E é em grande parte para remediar este mal que é concebido o projecto ora em discussão.

A vantagem essencial, que prevemos da adopção do projecto é a agglomeração da população. Desta esperamos como corolarios necessarios o melhoramento de nossa lavoura, a reunião de muitos individuos em pequeno espaço, onde facilmente possam ser achados quando precisos; a facilidade de os observar, e por consequencia de manter a melhor execução das leis, e melhor se poder fazer a policia, e o melhoramento de nossa moral.

Como se hão de policia individuos inteiramente isolados? Como embarçar que homens, que andam armados por esse interior, por que seu officio é caçar, não se aproveitem dessas armas contra seus semelhantes, logo que supponham ter o mais pequeno motivo de queixa?

Conhecemos que o projecto tem defeitos; e se não apontamos alguns é porque não sabemos em que ponto estará a discussão quando for publicado este nosso artigo: conhecemos que mui difficil lhe será prover todas as hypotheses: por exemplo quando trata das sesmarias cahidas em commisso seria necessario que os autores delle tivessem examinado quanta carta de sesmaria ali foi dada, porque muitas tiveram condições, que outras não tiveram; e talvez que marcando regra geral para todas, (o que supponmos preferivel á maneira por que está redigido o artigo 2.º do projecto) se vão revalidar sesmarias, que não devessem ser revalidadas. Porem um remedio é preciso: é preciso acabar de uma vez com esta incerteza, em que estão tantos lavradores do Brasil: é preciso que a espada de Alexandre corte por uma vez tantas difficuldades, como as que todos os dias apparecem.

Contra lei não ha costume, diz uma lei em vigor. Ora se um juiz se lembrar deste principio, e for julgar cahidas em commisso essas sesmarias, que não foram medidas e demarcadas em tempo legal, que bulhas não vai isso causar? E se for julgar nenhum direito a posseiros sem titulo, mas cujas poses datam de tempos antiquissimos? E' a espada de Damocles pendente sempre sobre as cabeças dos desgraçados, que não tem meios de provar completamente o seu dominio.

Tambem conhecemos que ali

autoridades vontade de o fazer. Presidentes energeticos, juizes dispostos a trabalhar, e a lei está executada, senão em um anno, em dous ou em tres. Ao governo competirá marcar prazos razoaveis segundo as distancias, e a quantia de terrenos a medir e demarcar.

E neste lugar lembraremos, que uma providencia se poderia tomar, a que não achamos inconveniente. Era costume nosso antigo darem os magistrados commissões a advogados, quando não podiam ir em pessoa fazer ás medições. Poderia incluir-se no projecto essa ideia: poderiam ser autorizados os juizes de direito a dar commissões a alguns advogados para presidirem em seu lugar ás medições, deixando para conhecimento do juiz a decisão de todas as questões, cuja solução não fosse immediatamente necessaria.

Tambem não achamos justo que no projecto se fixem os direitos de chancellaria: deve isso ficar para ser regulado pelo governo. Os valores das terras variam não só segundo as provincias, mas segundo as comarcas; e mesmo nestas ha muitas vezes differenças extraordinarias. Necessario é que o imposto da chancellaria nem seja tão gravoso, que exceda algumas vezes o valor da terra, nem tão diminuto, que seja illusorio. Em uma lei é impossivel attender a todas estas circumstancias: melhor é pois deixal-as para os regulamentos do governo.

A lei é de inquestionavel vantagem: poucas correções carece; mas estas em geral são apenas de redacção. Fortuna seria para o Brasil que esta sessão legislativa o dotasse com ella.

POSTURAS MUNICIPAES.

Qual é a razão por que tendo a camara municipal o seu código de posturas, algumas alias de facil execução, e que muito concorrem para o embellezamento da cidade, e commodo de seus habitantes, não são facilmente executadas? E qual é a razão por que a camara municipal concede dispensa de muitas, sem reconhecida impossibilidade de sua não execução?

Por exemplo: diz um artigo das posturas, que nenhuma obra se fará sem que seus donos de noite lhe tenham na frente uma luz. Esta lei é de summa utilidade publica: os andaimes, e os materiaes depositados ali nas ruas, são causa de muitos inconvenientes para carruagens, e cavalleiros, e mesmo homens do pé. Ora por algumas obras temos nós passado, onde nunca vimos luz acesa. E por ventura quem tem dinheiro para levantar um predio, não poderá gastar mais dez mil réis, que em tanto lhe poderá andar ao muito o azeite preciso para acender uma lanterna? Dirão que a culpa é dos fiscaes, e não da camara; mas culpa é da camara se é culpa dos fiscaes. Assim como

Ha uma postura, que determina, que em certos lugares da cidade se não possa edificar casa sem que os portaes sejam de cantaria quer ao rez, quer nos andares superiores. E todavia ahi existem casas nos lugares prohibidos, cujos portaes são de madeira, e casas novamente reconstruidas. Nós as vemos muitas vezes na semana; provavel é que os vereadores da camara as tenham visto. Ora dizemos que para estas se tira uma licença. Mas para que dá a camara essas licenças? Se a postura é util deve ser observada; e se não é util seja revogada. Porem não sejam as posturas unicamente rede de apanhar dinheiro. E não seja tambem necessario andar pedindo favores. Diga-se logo: aquelle que quizer edificar pondo portaes de madeira, pagará tanto. Deste modo cada qual saberá a lei em que vive; mas do modo que está, não: porque é prohibido semelhante edificação; entretanto que a alguns escolhidos é permittida.

Devemos declarar que aqui nos não referimos á camara actual; não foi ella quem organison as posturas; e não sabemos se por autoridade della tem alguém edificado do modo prohibido. Se lhe assentar a carapuça, tome-a; mas quando escrevemos, temos em vista emendar para o futuro, que o passado não tem remedio.

Conhecemos que ha posturas difíceis de executar, e que precisam talvez uma revolução em nossos costumes para que possam ser postas em pratica. Por exemplo como se conseguirá fazer todos os despejos, passadas certas horas? Será preciso dar outra construcção a nossas casas; será preciso que tenhamos outros costumes. Hoje é preciso que para isso nos sirvamos de escravos; mas nem todos tem escravos; e os que os não tem são obrigados a servir-se dos doganho. Mas estes tem necessidade de recolher-se a certas horas, porque seus senhores os querem em casa, e quando lhes tardam, os castigam. Tem pois necessidade de, ou irem de dia, ou logo á boca da noite. Houve o principio de uma companhia, que se queria obrigar a fazer os despejos; mas que immundice não é andar o caixão de porta em porta? Para podermos obter o resultado, que queremos as posturas, é preciso que nossas casas tenham latrinas ou depositos, como se usa em muitas outras partes do globo sem o mais pequeno incommodo dos moradores. Estamos bem certo que o primeiro que em tal fallasse entre nós seria apupado. Mas a camara poderia tomar alguma providencia.

D'estas posturas não fallamos nós; mas fallamos daquellas que podem ter facil execução, daquellas em que não ha desculpa, e que só não são observadas ou por negligencia, ou por falta de vontade: que nestas é que cabem as queixas.

lado, e dous cotovellos do outro. Ora da parte da rua de S. Bento ha a desculpa das casas, que formam as esquinas, e que seria preciso demolir em parte, o que de certo não vale a pena, devendo antes ser as cousas assim conservadas, até que quando para o futuro houverem taes casas de ser reconstruidas, se lhes dê o competente alinhamento; mas da parte do beco dos Cachorros não vimos razão plausivel.

Sabemos que o cargo de vereador é bastante espinhoso, e que é servido gratuitamente; mas tambem sabemos que ha muito quem o ambicione. Não desejamos augmentar-lhe os embaraços; mas desejamos que a camara cumpra com o que deve.

A proposito. Ficou adiado na camara dos deputados o projecto da lei de desapropriação. Alguns deputados achavam mui simples a materia; todavia achamos que mui sisudamente procederam os representantes da nação. Esbulhar a alguém da sua propriedade, é alguma cousa de peso. Reconhecemos que ha imprudentes egoistas, que só ao seu bem attendem; mas por causa desses não devemos pôr em risco as propriedades de todos.

DEFINIÇÃO EM REGRA.

Appareceu ahi ha pouco um papel, modelo de bom gosto; intitula-se — *O Correio do Imperador* —: e seu autor definindo o que seja Correio do Imperador diz que é uma *sociedade politica christã*. Esta ideia é sublime. Ora um deputado, que tambem quiz ser sublime, disse que a maioria da camara dos deputados é uma pagina da lei do orçamento. Nada mais exacto: é o inverso do que disse o tal papel; mas sempre exacto. Se o papel é uma sociedade, a maioria de uma associação deve ser papel.

Vivam os grandes genios!

BELLEZA CONSTITUCIONAL.

O ministerio de março, mas não o ministro dos negocios estrangeiros, cedeu á Inglaterra na questão da intelligencia do tratado. Quem o disse foi o Sr. Galvão. Aqui temos um ministro dos negocios estrangeiros assignando de cruz cousas proprias e privativas da sua repartição. E' a maior injuria, que ao Sr. Aureliano tem sido lançada nestes ultimos tempos.

Alem de injuria é calumnia, no sentido vulgar, por quanto o Sr. Aureliano demonstrou no senado como os inglezes tinham toda a razão em sua exigencia.

ERRATAS.

Tem escapado diversos erros typographicos nesta nossa folha: esperamos que o publico os desculpe. Em o ultimo numero escapou *peíssissimo* em vez de *peíssimo*: supponho que facilmente se verá que não foi erro de composição. Só emendaremos os que al-